

Os museus podem contribuir para a igualdade e mudar a vida das pessoas?

Eithne Nightingale

Historiadora formada em Estudos Museológicos, especialista em Igualdade e Diversidade.

O Victoria & Albert Museum (V&A), em Londres, fundado após a Grande Mostra de 1851, tem uma coleção de nível internacional de arte e *design*. A missão do V&A, hoje, é esta: “Enriquecer a vida das pessoas, inspirar indivíduos e indústrias criativas, tornar o V&A importante para as pessoas e oferecer a diversos públicos uma experiência de qualidade tanto física quanto digital”.

Quando estive no V&A pela primeira vez, em 1998, meu trabalho consistiu em desenvolver programas baseados nas Galerias da Ásia focalizando – principalmente, mas não exclusivamente – o público britânico chinês e do sul da Ásia. O Reino Unido tem grande diversidade étnica. Negros, asiáticos e minorias étnicas na Inglaterra e no País de Gales constituem cerca de 14% da população, mas em Londres esse percentual chega a 40%. Inicialmente, trabalhei em programas como o Diwali, o Festival de Luz Hindu e a exposição temporária *The Arts of the Sikh Kingdoms (As Artes dos Reinos Sikhs)*, em 1999, na qual 60% dos quase 120 mil visitantes eram de origem *sikh*. Muitos nunca tinham ido a um museu antes, quanto mais ao V&A.

Mas várias questões surgiram. Quais são as ligações entre as comunidades e as coleções? Será que a comunidade *sikh* se interessa somente por exposições e objetos relacionados aos *sikhs*? Como podemos manter relações com essas comunidades após o término da mostra? Levantamos, também, outras questões relacionadas à igualdade, como classe, deficiência e gênero, e como esses aspectos interagem. E as comunidades que não possuem coleções? Não há no V&A uma Galeria da África, por exemplo, embora exista alta proporção de pessoas de ascendência africana no Reino Unido.

Para nos aprofundarmos em algumas dessas questões, recebemos financiamento do Heritage Lottery Fund para um projeto de 3 anos, o *Capacity Building and Cultural Ownership – working with culturally diverse communities* (Programa de Capacitação e Propriedade Cultural – trabalhando com comunidades culturalmente diversificadas).

Coleções e programas relacionados com a diáspora africana

Com um pesquisador estudando as coleções do V&A, “descobrimos” mais de 4 mil objetos relacionados com a diáspora africana. O Museu não poderia mais dizer que “não fazíamos coleções da África”, referindo-se à arte produzida ao sul do Saara, como definido na Política de Coleções do V&A. Paralelamente a essa pesquisa, desenvolvemos um programa que atraiu um público significativo de negros pela primeira vez ao V&A. A pesquisa e o programa a ela associado levaram, por fim, a uma alteração na Política de Coleções e, hoje, o V&A coleciona objetos relacionados à diáspora africana. Foram feitos planos até mesmo para uma Galeria Africana.

Diálogo intercultural e entre religiões

A segunda vertente do *Programa de Capacitação e Propriedade Cultural* voltou-se ao interculturalismo e ao diálogo entre religiões. Definimos, primeiramente, diferentes grupos confessionais – judeus, budistas, jainistas, cristãos, *sikhs*, hindus e muçulmanos. Baseando-nos em recursos visuais, pedimos que membros dos grupos selecionassem objetos importantes para eles. As respostas foram publicadas no *website* do V&A.

Paralelamente à pesquisa, organizamos uma programação que atraiu comunidades de diversas crenças como, por exemplo, festivais religiosos e outras

atividades ligadas a cerimônias, como a inauguração pós-reforma da Jameel Gallery de arte islâmica do Oriente Médio.

O Museu pode, por vezes, ficar em situação desconfortável em razão dessa finalidade religiosa tão explícita. Trata-se basicamente de um museu de arte e *design*, um espaço secular, e, de fato, oferecemos programas interculturais seculares. Mas arte e fé frequentemente se entrelaçam, e as pessoas não deixam do lado de fora as suas crenças espirituais e formações culturais ao entrarem no Museu.

O Mundo no East End

Um terceiro aspecto do projeto *Programa de Capacitação e Propriedade Cultural* baseou-se no Museum of Childhood (Museu da Infância) do V&A, na região londrina conhecida como *East End* (extremo leste). Minha colega Teresa Hare Duke e eu desenvolvemos uma galeria, *O Mundo no East End*, cujo objetivo foi refletir a diversidade cultural da área. Como as coleções museológicas não refletiam essa diversidade, recorreremos à comunidade local para nos ajudar, selecionando e treinando pessoas de diferentes comunidades – afro-caribenhos, turcos, bengaleses, vietnamitas, cidadãos do Leste Europeu etc. para que coletassem objetos e fotografias (patrimônio material) com histórias orais (patrimônio imaterial) do povo local. Esse material foi usado para o desenvolvimento de vitrines, materiais de multimídia e instalações de galerias relacionadas a vários temas – viagens, chegadas, diversão, lazer, festivais, educação, trabalho etc., exibindo tanto as semelhanças quanto as diferenças entre as comunidades.

Após alguns anos, perdemos o espaço da galeria onde estava o *Mundo no East End*. Entretanto, a equipe do Museu desenvolveu um novo material com base em três famílias com formações diferentes incorporando o trabalho na *Families Gallery* (Galeria das Famílias), mas também ampliando o conceito de diversidade. O Museu lidou com algumas questões delicadas como a relação entre algumas religiões e as comunidades de gays e lésbicas, por exemplo.

Avaliação do Programa de Capacitação e Propriedade Cultural

A avaliação reconheceu as grandes conquistas obtidas no período de 3 anos por um projeto tão complexo e em uma instituição tão sofisticada. No entanto, a avaliação também trouxe à tona a necessidade de este trabalho estar no centro e não às margens do Museu. Sugeriu a adoção de uma abordagem que englobasse o museu como um todo, em que a igualdade e a diversidade fossem integradas nas prioridades da política institucional.

Estratégia e Política para Igualdade e Diversidade

Não deixamos de agir diante dessa questão. Em 2003, sob um governo trabalhista, desenvolvemos uma Política de Acesso, Inclusão e Diversidade que observava todos os aspectos do Museu – pesquisa, coleções, conservação, mostras temporárias, *marketing*, educação, seleção e recrutamento, treinamento etc. Por exemplo, em “Coleções”, a política mencionava o dever de refletir a diversidade do patrimônio social e cultural das pessoas, e incluía o trabalho por diversos praticantes. A política para “Galerias” referia-se à acessibilidade a pessoas com deficiências, incluindo diretrizes rígidas sobre o número de palavras nos textos da galeria e exigindo que fossem compreensíveis para as pessoas sem experiência em arte. As “Mostras” foram citadas como forma importante de atrair novos públicos. Já sabíamos disso, pois coletamos dados regularmente sobre visitantes a mostras temporárias como a *Arts of the Sikh Kingdoms*. “Marketing”, outra área importante, incluiu a necessidade de coletar dados, relacionados não só a mostras temporárias, mas também aos frequentadores em geral a cada 3 meses, por exemplo, de acordo com gênero, idade, *status* socioeconômico e frequência de visitas ao V&A. Por meio dessa coleta de dados estatísticos, descobrimos que o V&A aumentou a diversidade étnica de seus visitantes de maneira significativa de 11% em 2007/8 para 17% em 2011/12. “Seleção e recrutamento” também deve ser um ponto central para qualquer política relacionada a igualdade e diversidade. Um museu tem mais capacidade de se transformar se contar com um quadro de funcionários diversificado em todos os níveis da organização, mas também é importante que todos os funcionários assumam a responsabilidade pela promoção da igualdade e da diversidade.

O que aprendemos, portanto, ao procurarmos integrar igualdade e diversidade em todas as áreas do Museu? A igualdade e a diversidade não devem ser um desincargo de consciência. Precisam estar integradas nos estágios iniciais do planejamento de cada política ou programa. Aprendemos sobre a importância de parcerias, sobre a necessidade de assumir riscos, e que a liderança é fundamental.

Aprendemos, também, que os objetivos específicos de igualdade precisam ser definidos e monitorados.

Os Museus podem mudar vidas? Mas isso seria suficiente?

A Museums Association, órgão do Reino Unido que representa profissionais de museus, parece não concordar. No seu documento *Os museus mudam vidas* (*Museums Change Lives*), o órgão expõe suas ideias para o aumento do impacto social dos museus. O Liverpool Museums também afirma que os museus têm poder “para ajudar a promover a cidadania ativa e para atuar como agentes de mudança social”.

Mas estamos mudando a vida de quem? Como podemos mudar a vida dos migrantes e refugiados, incluindo os que arriscam a vida cruzando o Mediterrâneo, por exemplo? Como parte do meu programa de doutorado sobre crianças, migração e diáspora tenho voltado o meu olhar para a forma como os museus de todo o mundo estão representando a migração. Até o momento visitei museus na Austrália, Nova Zelândia, França, Itália, Luxemburgo, Alemanha, Dinamarca, Rússia, Holanda e Bélgica. O que aprendi? Aprendi que o discurso nacional pode influenciar a forma como a migração é representada. Na Austrália os museus não falam sobre a migração para o continente, não se referem ao impacto desse movimento na comunidade aborígine. Na Itália, os museus não falam sobre emigração sem falar sobre imigração, muitas vezes referindo-se a 1973 como o ponto de maior criticidade, momento em que a imigração superou a emigração. Aprendi que a natureza do financiamento, em especial por parte dos governos nacionais, pode influenciar, até mesmo restringir, a história que é contada; que a interatividade, a dramatização e as novas tecnologias podem ser ferramentas poderosas para incentivar os visitantes a criar empatia com a posição do migrante, do agente de imigração ou do observador; que todos os museus – sejam eles dedicados à arte, à história, infância, migração ou à guerra – podem incorporar a migração nas suas exposições e programas; que as abordagens inclusivas, que não posicionam o migrante como “o outro”, são importantes, talvez focando em um

local específico dentro de uma cidade ou na migração interna, bem como em direção a um país; que as parcerias ou abordagens colaborativas com migrantes e refugiados representam um desafio, mas são muito importantes em seu papel de riscos que precisam ser enfrentados; que alguns dos impactos mais poderosos podem ocorrer durante a implantação de programas de educação. Mas onde está a prova robusta de que os museus podem mudar vidas? De que modo, por quem e como? O Museum of Melbourne, na Austrália, está desenvolvendo um trabalho muito interessante nessa área, em cooperação com uma universidade, mas encontrei pouquíssimas atividades dessa natureza em outros locais.

Como Consultora de Política sobre Patrimônio Imaterial no Heritage Lottery Fund, tenho consultado algumas pesquisas sobre o impacto de diferentes programas relacionados ao tema "patrimônio". Fico surpresa quando observo as aspirações dos candidatos. Eles buscam não só transmitir cultura e habilidades, mas aumentar a compreensão intercultural e intergeracional, aumentar a sensibilização para as questões ambientais, abordar patrimônio de caráter difícil e controverso e contribuir para a coesão social.

Esses relatórios não têm feito a distinção entre os impactos do patrimônio material e do imaterial, mas tenho visto programas com impactos reais e potenciais em que as comunidades, como verdadeiras instituições de base, definem o que é importante para elas, muitas vezes fora do discurso autorizado sobre patrimônio e, frequentemente, focando no patrimônio imaterial.

Precisamos analisar o impacto de todos os aspectos que envolvem os museus e o patrimônio, as atividades tanto dentro como fora dos museus, e o patrimônio tanto material quanto imaterial. Só assim poderemos determinar se e *como* podemos mudar vidas, e *para quem* – para os imigrantes que arriscam suas vidas ao cruzar o Mediterrâneo, aqueles que vivem em nossos conjuntos habitacionais sociais no *East End* de Londres ou nas favelas do Rio. No entanto, precisamos refletir mais profundamente e realizar pesquisas mais robustas para entender até que ponto nós, como profissionais de museus, e os nossos museus, como instituições, somos capazes de nos transformar de cima para baixo e de um lado para outro; de forma

relevante, inspiradora e que contribua para uma sociedade mais justa nos âmbitos local, nacional e global.